

JORNAL DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA



WWW.MST.ORG.BR

EDIÇÃO ESPECIAL LGBT SEM TERRA

AGOSTO DE 2019



**LGBT SEM TERRA:
ROMPENDO CERCAS E TECENDO A LIBERDADE**

Um **arco-íris** se soma ao vermelho de nossa bandeira

A liberdade e a diversidade sexual fazem parte da Reforma Agrária Popular



Em 35 anos de história, o MST segue na luta pela Reforma Agrária, na organização popular e construindo coletivamente formas de resistir e existir. Hoje, enxergamos a Diversidade Sexual como parte dessa luta e da resistência no atual contexto político, dando materialidade ao Projeto Popular que carrega consigo o sonho da terra e dos seres humanos livres.

Mais uma vez, nosso movimento se desafia a dar um passo, trazendo o debate da liberdade e diversidade sexual, como parte fundamental da Reforma Agrária Popular. Hoje, um arco-íris se soma ao vermelho de nossa bandeira para construirmos juntos um sociedade socialista, livre da opressão e exploração.

Não ter medo de ousar é o legado de

nossa luta e aos nossos inimigos não daremos um dia de descanso enquanto houver latifúndio, propriedade privada, desigualdades de classe, violência e exploração.

Pensando nestas questões, esta Edição Especial do Jornal Sem Terra, voltado para a auto-organização das LGBT Sem Terra, é um instrumento para o trabalho de base, formação e luta. É mais um subsídio construído coletivamente pelas LGBT Sem Terra. O processo de auto-organização das LGBT no MST, vem ocorrendo desde 2015, por meio de Rodas de Conversa, encontros, cursos e reuniões construídos com muita mística, animação, estudo, histórias de vida e debate político, com o objetivo de contribuir na formação de nossa militância LGBT, mas também, fortalecer a participação desse sujeito nos diversos espaços de luta do MST.

Com o Jornal em mãos, além de realizar as atividades auto-organizadas, precisamos levar para dentro de nossos assen-

tamentos e acampamentos e atividades diversas do MST as questões em torno da diversidade sexual. Por isso, afirmamos que não é possível construir uma nova sociedade com emancipação humana, sem discutir as múltiplas formas humanas de ser, viver e amar.

Os desafios são muitos e compreendemos que é necessário desnaturalizar as relações patriarcais de gênero, que afirma como única possibilidade de expressão de gênero o binarismo (homem ou mulher), condenando a transexualidade, homossexualidade e bissexualidade. Temos a tarefa de pensar novas estratégias e táticas na atual conjuntura que incorporem essa dimensão na luta de Classes. Nosso objetivo é fortalecer a auto-organização das LGBT, mas para isso é preciso que toda nossa militância se desafie a combater o machismo, a LGBTfobia, o racismo.

Boa leitura e auto-organização!

NOSSA HISTÓRIA

Veja apontamentos da trajetória do Coletivo LGBT Sem Terra

Desde o surgimento do MST muitos militantes LGBT estiveram presentes na luta cotidiana. No entanto, é só a partir de 2015 que inicia a articulação nacional diversidade sexual que já aconteciam em alguns estados.

O marco inicial desse processo é a realização do 1º Seminário "O MST e a Diversidade Sexual" em agosto de 2015, na Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF). Este seminário reuniu 35 militantes de 13 estados e foi o primeiro momento em que construímos

apontamentos sobre o papel das LGBT na construção do MST.

Após este seminário, realizamos diversas rodas de conversas, intervenções e místicas nas nossas áreas, nos espaços de formação e lutas estaduais e nacionais, além dos cursos de formação política para LGBT Sem Terra.

Um outro marco deste processo de organização foi a alteração das Normas Gerais do Movimento, realizada na reunião da Coordenação Nacional em janeiro de

2016. A partir desta alteração, passa a estar expresso nas normas gerais do MST a plena participação das LGBT e também o compromisso da organização com o enfrentamento da violência.

Em 2017 foi oficializado na organicidade do MST o Coletivo LGBT Sem Terra. A partir deste espaço e motivados pela construção da Reforma Agrária Popular e do aprofundamento do debate em nossa base social, as LGBT Sem Terra fortalecem a construção do nosso projeto político.



É TEMPO DE LUTA E RESISTÊNCIA ATIVA



Vivemos na pele as formas mais cruéis de exploração e opressão do capitalismo no mundo. No Brasil, o conservadorismo e neoliberalismo avançam para garantir a reprodução do capital, implantando medidas como a retiradas de direitos por meio da reforma trabalhista e da previdência, a paralização da Reforma Agrária, os cortes de recursos na educação pública e as privatizações das empresas estatais.

Para garantir essas medidas nos primeiros meses do governo Bolsonaro (PSL), houve a extinção do Ministério do Trabalho, da Cultura, Esporte, Cidades e da Igualdade Racial, além de realizar o sucateamento de órgãos públicos como a Fundação Nacional do Índio (FUNAI), colocando nas mãos do Ministério da Agricultura a função da demarcação de terras indígenas.

São tempos difíceis para a classe trabalhadora que perde direitos e o Estado assume um discurso contra os pobres, negros, LGBT. A ministra responsável pelo Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Damares Alves, afirma que “menina veste rosa e menino veste azul”, ou que “em um casamento, o homem é o líder”, pintando o retrato retrógrado e conservador que vivemos.

Essas afirmações não são pura ingenuidade, mas sim

formas de reafirmar o ódio contra a população LGBT, além do machismo, racismo e do sexismo.

As LGBT, as mulheres e os negros são os mais atingidos por esse governo homotransbifóbico. Enfrentamos um momento delicado em que a frase “ninguém solta a mão de ninguém” se torna um *slogan* para garantia da sobrevivência. Como expressão desse fato, no dia 19/08 a travesti Aline da Silva militante do MST foi assassinada, no município de Arcoverde-PE.

Destacamos que sempre houve assassinatos e perseguições contra nossa população. No entanto, estamos em um período que esse discurso é legitimado pelo Estado e propagandeado pelo veículos de comunicação e redes sociais.

Por isso, reafirmamos a Resistência Ativa. Temos como desafio central fortalecer a organicidade nos assentamentos e acampamentos espalhados por todo país, mas também fortalecer a luta permanente. Enquanto LGBT Sem Terra precisamos ocupar todos os espaços para dentro e para fora do MST, pautando a construção da Reforma Agrária Popular e enfrentando os retrocessos impostos na atual conjuntura.

VOCE SABIA?

Embora não haja nenhuma lei, no ordenamento jurídico brasileiro, que vise a garantia de direitos aos Sujeitos LGBTs, graças à luta do movimento LGBT no país, alguns desses direitos foram conquistados a partir do poder judiciário por meio de ações judiciais que forçaram esse poder a se posicionar sobre alguns temas.

São alguns dos principais direitos dos sujeitos LGBT no Brasil:



ALINE DA SILVA

PRESENTE!

CASAMENTO IGUALITARIO

A união homoafetiva é garantida desde 2011, pelo STF. Em 2013 o CNJ publicou uma Resolução orientando aos cartórios que registrassem o casamento homoafetivo. Apesar disso, muitos casais homoafetivos ainda enfrentam resistência por parte dos cartórios, mas é nosso direito!

ADOÇÃO POR CASAIS LGBT

Desde a decisão do Supremo Tribunal Federal de 2010 que declarou que quando “preenchidas as condições para a adoção, não se discute mais a respeito de qualquer impedimento em decorrência da orientação sexual dos pretendentes.” é assegurado a LGBTs, casados ou solteiros o direito à adoção, sendo regulamentado pelo Conselho Nacional de Justiça.

RETIFICAÇÃO DE REGISTRO CIVIL DE PESSOAS TRANSGÊNERO

Com o provimento no 73 de 2018, o Conselho Nacional de Justiça passou a orientar os cartórios brasileiros a retificar os registros de pessoas transgêneros maiores de 18 anos, independente de autorização judicial, cirurgia de redesignação sexual ou tratamento hormonal, bem como de apresentação de laudo médico ou psicológico.

CRIMINALIZAÇÃO DA LGBTFOBIA

Atualmente o Brasil lidera o *ranking* dos países em que mais se mata LGBTs. Estes crimes possuem natureza de ódio aos sujeitos diversos em suas identidades de gênero e orientações sexuais, mas sempre foram julgados como crimes comuns. A partir de decisão inédita do STF, em 13 de Junho de 2019, ficou definido que as expressões de discriminação com base em critérios de gênero e orientação sexual deverão ser processadas com base na lei de racismo, até que seja aprovado projeto de lei específico que vise a proteção desses sujeitos. Atualmente, os crimes processados pela lei de racismo são imprescritíveis e inafiançáveis. Significa dizer que aqueles processados perante essa lei, não terão direito ao pagamento para responder o processo em liberdade e que o crime poderá ser julgado a qualquer tempo, independente da data em que foram praticados. Somente a luta garante os direitos do povo.

Chegou a hora de arregaçarmos as mangas e organizar as **Rodas de Conversa**. Por isso, preparamos um passo a passo para nos orientar na construção desse espaço.

Vale destacar que nosso objetivo é fortalecer o processo de auto-organização das LGBT Sem Terra, assim como, a formação permanente e a participação na luta.

COMO ORGANIZAR UMA RODA DE CONVERSA LGBT SEM TERRA?

O QUE PRECISAMOS?

Cartaz LGBT Sem Terra, livros, cartilhas, bandeiras, ferramentas e produtos da reforma agrária;

Lápis de cor, hidrocor, giz de cera, papel A4, papel madeira, tarjetas, fita crepe, Som, CDS e outros caso necessário conforme a metodologia prevista.

FIQUE LIGADO!

Garantir a pontualidade e a programação construída e acordada com os sujeitos do processo;

Garantir que tenha a lista de presença, constando informações de local que residem, setor ou coletivo que contribui, telefone e e-mail (elementos necessários para um banco de dados às coordenações estaduais e regionais do Coletivo LGBT Sem Terra);

Garantir o registro fotográfico para que possamos dar visibilidade à atividade e ser utilizado pela memória;

Lembre-se de agradecer as colaborações, parcerias;

Organizar a limpeza;

Construir as próximas agendas;



1º || ORNAMENTAÇÃO E ACOLHIDA

Garanta o embelezamento do ambiente imprimindo a marca do MST e das LGBT com os elementos listados no “O que precisamos?”;

É importante que no ambiente todos possam se olhar e interagir com facilidade e sem distinção. O formato de “roda” contribui para isso!

Cantar músicas e recitar poesias para garantir a animação do grupo;

2º || MÍSTICA DE ABERTURA

Organize anteriormente a mística de abertura da Roda de Conversa e lembre-se de trazer as simbologias da luta pela terra, da resistência coletiva, da visibilidade aos sujeitos LGBT do campo e da luta contra a violência;

3º || APRESENTAÇÃO

Garanta que todas e todos se apresentem, falando o nome ou como gosta de ser chamada, a orientação sexual (se quiser), de onde vem, qual tarefa desenvolve no MST e qual a expectativa com atividade.

4º || APRESENTAÇÃO DA RODA DE CONVERSA

Aqui é importante expor os objetivos do espaço e um pequeno resgate histórico sobre a construção do Coletivo LGBT Sem Terra. Por isso, indicamos a leitura do texto “NOSSA HISTÓRIA”, que encontra-se, na pg2.

5º || PROVOCAÇÕES

Inicie a abordagem do conteúdo realizando uma sondagem sobre o que os participantes já entendem sobre diversidade sexual, relações de gênero e garanta um bom debate;

Estimule para que algumas histórias de vida apareçam;

Garanta que todas e todos falem;

Quem ficar com essa tarefa, orientamos que faça a leitura prévia do texto “Raízes da LGBTfobia”, na pg. 8 e o texto “É tempo de luta e resistência ativa”, na pg. 2.

6º || SISTEMATIZAÇÃO

Sistematize com o grupo as demandas extraídas do debate;

Lembre-se de construir propostas de ações e crie uma agenda de execução, atentando para as atividades já previstas no calendário organizativo MST em seu estado, região, brigada, assentamento ou acampamento;

7º || ENCERRAMENTO

Puxe o grito de ordem: “O patriarcado destrói, o capitalismo faz a guerra, o sangue LGBT também é sangue Sem Terra!”

AS RAÍZES DA LGBTFOBIA

A aversão, ódio e/ou preconceito contra Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBT) é chamada de LGBTfobia. Esse termo condensa diversas opressões, vinculadas a não aceitação da orientação sexual ou identidade de gênero.

A LGBTfobia, assim como o machismo, são manifestações concretas de um sistema de dominação, opressão e exploração, localizado na relação entre capitalismo e patriarcado. O patriarcado produz uma sociabilidade onde os homens detêm o poder e, conseqüentemente, são superiores as mulheres ou, ao dito, "feminino".

O patriarcado age definindo papéis e construindo relações desiguais entre mulheres e homens na sociedade. Por exemplo, homens são fortes, corajosos e não choram, já as mulheres são

fracas, frágeis e sensíveis. É nesse contexto que o sistema capitalista se articula ao patriarcado.

O patriarcado enquanto um sistema histórico de dominação tem uma exigência: o reforço e a promoção da heterossexualidade como obrigatória. Esse processo é chamado de heterossexismo e vai além da orientação do desejo heterossexual, pois se manifesta de forma estrutural, assim temos a heterossexualidade como regra e superior em relação à homossexualidade.

PECADO, CRIME E DOENÇA

O século XIX foi marcado pela transformação da homossexualidade em pe-

cado, crime e doença, como argumentação da igreja, do Estado, e mais recentemente como objeto de estudo da medicina.

No Brasil, a Diversidade Sexual e de Gênero não é crime, no entanto, a noção de que é amoral e patológica permanece em determinados grupos da sociedade. Neste contexto, o Brasil é um dos países que mais mata a população LGBT no mundo, chegando a 420 mortes identificadas no ano de 2018, ou seja, mais de 1 pessoa a cada dia no país.

A luta contra a LGBTfobia é coletiva, passa pelo

respeito a diversidade, a promoção do estudo e debate constante em todos os setores da sociedade. Desta forma, construir caminhos para a discussão da liberdade sexual articulada à Revolução é contribuir para o processo de emancipação humana, entendendo que não há igualdade nos marcos do capital.